

ENTREVISTA COM PROFESSOR DINO PRETI

Aluno: Eduardo Sabbag

1. Fale resumidamente sobre sua trajetória acadêmica: dos tempos de estudante de Letras até à titularidade da USP.

DINO PRETI: Eu me formei na Universidade de São Paulo, no curso de *Letras Clássicas*, em 1954. Mais tarde, passei a atuar na própria Faculdade de Letras como Auxiliar de Ensino na Língua Portuguesa, a convite do Prof. Sigismundo Spina, titular da época. Acabei fazendo o mestrado sob sua orientação, no qual trabalhei com a crítica de fontes camonianas. Concluí-o em 1969. Já no Doutorado, concentrei-me nos estudos sobre a sociolinguística e os níveis de fala, finalizando-o em 1972. Para o início da livre-docência, esperei um tempo, a meu ver, um pouco elástico – 8 anos –, vindo a completá-la em 1983. Dois anos após, fiz a *Adjunção*, que naquele tempo era um outro tipo de concurso, e, apenas em 1988, prestei o concurso para titularidade. Foi uma prova muito difícil, já que incluía os oito programas do curso (hoje em dia é diferente, pois o professor dá aula apenas na matéria que domina). O lado bom é que fui muito bem, tanto na prova, quanto na aula, o que me fez conseguir a titularidade na ocasião.

2. Como se deu sua vinda para a PUC/SP? Foi após a aposentadoria na USP?

DINO PRETI: Minha permanência na USP se deu de 1967 até 1995. Após, apressei-me para aposentar, diante do receio de perder alguns direitos já adquiridos. Refleti com a família, e minha esposa aconselhou-me a sair. Foi curioso porque resolvi tudo em 15 dias. Logo que deixei a USP, em poucos dias, recebi o convite da PUC, o que fez com que não viesse a ter aquele sentimento ruim de inutilidade.... Desde então, estou na aqui na PUC, dando aulas na pós-graduação e orientando alunos do Mestrado e Doutorado em Língua Portuguesa.

3. Fale resumidamente sobre o Projeto NURC.

O Projeto NURC/SP foi criado, mais ou menos, em 1977, com o objetivo de conhecer a linguagem oral das pessoas cultas. Gravamos 315 horas em São Paulo e, com o material, publicamos a coleção "A linguagem falada culta na cidade de São Paulo", em 4 volumes (esgotados). Depois publicamos mais uma coleção "Projetos paralelos - NURC/SP", já com 11 volumes, estudando a interface da língua oral com a escrita.

4. O senhor foi um dos que deu início ao estudo da *gíria* no Brasil, escrevendo a importante obra "Linguagem Proibida". O estudo desse tema – por muitos tido, preconceituosamente, como "amaldiçoado" – não lhe trouxe constrangimentos no meio acadêmico?

DINO PRETI: Realmente, no momento em que escrevi o livro "Linguagem Proibida", o da Livre Docência, muitos estranhavam, e até questionavam: "Você, fazendo um livro sobre isso, linguagem erótica..!?". Mas isso é bobagem porque o obra não reflete nossa maneira de ser, até porque a ciência é amoral. Com o trabalho, acabei ficando conhecido como um dos precursores do estudo sobre *gíria* no Brasil. Trabalhei com o primeiro dicionário de *gíria* e de linguagem obscena do Brasil. Em meu curso sobre o tema aqui na PUC, os alunos sempre comparecem e gostam bastante, principalmente porque procuramos desmistificar um pouco o problema que existe ao redor do vocabulário *gírio*. Veja que o preconceito contra a *gíria* não tem razão de ser. Todo mundo a usa. Tal quebra de paradigmas, que fazemos na sala de aula, incentiva o estudo dos alunos, que fazem pesquisas extremamente relevantes. Já tivemos a oportunidade de analisar a *gíria* dos detentos, aquela utilizada na periferia, e também um estudo sobre a linguagem dos homossexuais.

5. A propósito da *gíria*, como fenômeno sociolinguístico, qual o papel que ela cumpre na sociedade?

DINO PRETI: Diante das variantes lexicais, há aquelas de maior prestígio e outras de menor prestígio. Não há dúvida de que a *gíria* acaba sendo uma variante de baixo prestígio, principalmente porque se liga, quase sempre, ao modo de expressão dos

jovens, do povo sem cultura. Sem contar que temos a gíria de grupo, encontrada nas atividades marginais, nas prisões, no dia a dia dos drogados, etc. A questão é que tal discurso, enquanto represado, provoca reflexos dentro daquele ambiente. Por outro lado, quando sai dali e se espalha, vira uma linguagem comum, e todos começam a usá-la. Há situações em que a gíria passa a ser a melhor linguagem, de maior expressividade. Daí se dizer que haverá inconveniência no seu uso a depender do ambiente no qual ela é usada. Existem muitos locais e situações em que a gíria será estranhamente recebida. Daí se dizer que o ambiente condiciona o uso da gíria, mas o estigma persiste sempre. Veja o comportamento de muitos professores nas escolas, o que também é repetido em certos livros didáticos: tendem a dizer que a gíria é uma linguagem baixa, de gente inculta e despreparada. Não acredito nesse falso preconceito. A gíria não é maléfica ou benéfica. Poderá ser uma coisa ou outra, a depender da situação de comunicação.

6. Diante do que o senhor expõe, é possível dizer que não há inadequação no uso do vocabulário gírio?

DINO PRETI: O vocabulário gírio não é inadequado, mas deve ser usado com *adequação* – em bom trocadilho. Não se pode cogitar da gíria se estamos diante de um trabalho científico, em que prevalece o tom da solenidade. A mesma proibição se estende para o comportamento do professor em uma sala de aula, por exemplo. Aliás, sempre digo em sala: o professor não pode querer se identificar com o aluno, usando o recurso da gíria. Primeiro, porque são grupos sociais diferentes; depois, porque não é o coloquialismo forçado e artificial que propiciará a devida interação entre eles. O segredo de tudo está no domínio da maleabilidade das palavras, na cultura linguística. Um termo mal empregado pelo docente pode soar pedante, desconhecido. Por outro lado, pode ser bem expressivo. Aí está o ponto principal: a adequação.